



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

**PERCEPÇÕES DE MULHERES LACTANTES ACERCA DO PERÍODO
GRAVÍDICO-PUERPERAL DURANTE A PANDEMIA PELO COVID-19**

CATARINA SPÍNDOLA BECCE

BRASÍLIA, 2023



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

CATARINA SPÍNDOLA BECCE

**PERCEPÇÕES DE MULHERES LACTANTES ACERCA DO PERÍODO
GRAVÍDICO-PUERPERAL DURANTE A PANDEMIA PELO COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para
Graduação no Curso de Enfermagem ao
Departamento de Enfermagem da
Faculdade de Ciências da Saúde da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Lara Mabelle
Milfont Boeckmann

BRASÍLIA, 2023

CATARINA SPÍNDOLA BECCE

**PERCEPÇÕES DE MULHERES LACTANTES ACERCA DO PERÍODO
GRAVÍDICO-PUERPERAL DURANTE A PANDEMIA PELO COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para
Graduação no Curso de Enfermagem ao
Departamento de Enfermagem da
Faculdade de Ciências da Saúde da
Universidade de Brasília.

Aprovado em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr.^a Lara Mabelle Milfont Boeckmann

Universidade de Brasília (UnB)

Orientadora

Profa. Dr.^a Rita de Cássia Melão de Moraes

Universidade de Brasília (UnB)

Membro Efetivo

Profa. Dr.^a Rejane Antonello Griboski

Universidade de Brasília (UnB)

Membro Efetivo

Profa. Dr.^a Simone Roque Mazoni

Universidade de Brasília (UnB) Membro

Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico aos erros, tropeços, desencontros e incoerências. Aos dilemas, ao choro, ao tédio e ao cansaço mas, acima de tudo, ao levantar, que somente aconteceu pela força da maior potência de todas: o amor. Foi ele em forma de divino, de tempo, de mãe, amiga ou companheiro.

Agradeço também, a tudo o que me fez ir para além, para fora de mim. Mas acima de tudo, ao que me fez retornar. À rotina, ao café na escada do ICC e ao 0.349 que passava na parada em frente a minha casa.

Do menor ao maior, à toda *grandepequenaerrada* peça que foi se encaixando ao longo desses anos e fizeram de mim quem sou hoje. Tenho orgulho da minha jornada até aqui. Obrigada a tudo e a todos!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. MÉTODO.....	08
3. RESULTADOS.....	09
4. DISCUSSÃO.....	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
6. REFERÊNCIAS.....	17

PERCEPÇÕES DE MULHERES LACTANTES ACERCA DO PERÍODO GRAVÍDICO-PUERPERAL DURANTE A PANDEMIA PELO COVID-19

Catarina Spíndola Becce

Lara Mabelle Milfont Boeckmann

RESUMO

Objetivo: Compreender a percepção de mulheres lactantes acerca do período gravídico-puerperal durante a pandemia pelo COVID-19. **Métodos:** Estudo qualitativo envolvendo 21 nutrízes em um Banco de Leite Humano de um hospital público no Distrito Federal. A coleta de dados foi realizada entre Setembro e Dezembro de 2021 e realizada análise de conteúdo. **Resultados:** Emergiram duas categorias analíticas: Percepções de lactantes acerca de seus sentimentos, dificuldades e desafios relacionados à pandemia na gestação, parto e pós-parto e Acesso à informação sobre vacinação, amamentação e infecção pela COVID-19 na perspectiva das lactantes. Os resultados revelaram medo de adoecer, morrer, ansiedade, solidão e rede de apoio escassa. O acesso à informação se deu por meio das mídias sociais e profissionais. Também referiram o recebimento de informações conflituosas e falsas acerca da amamentação frente à pandemia, especialmente oriundas da internet. **Considerações finais:** Os resultados apresentados desvendaram uma lacuna do conhecimento, especialmente para profissionais que atuam atendendo nutrízes. A contribuição do estudo fomentou reflexões para melhoria do atendimento.

Palavra-chave: Pandemias; Aleitamento Materno; Bancos de Leite Humano; Infecções por Coronavírus; Imunização; Acesso à Informação de Saúde.

Keywords: Pandemics; Breast Feeding; Milk Banks; Coronavirus Infections; Immunization; Access to Information.

Palabras clave: Pandemias; Lactancia Materna; Bancos de Leche Humana; Infecciones por Coronavirus; Inmunización; Acceso a la Información.

INTRODUÇÃO

Assim que foi declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a pandemia provocada pelo novo coronavírus no ano de 2020, mulheres no ciclo gravídico-puerperal passaram a ser consideradas “grupo de risco” para Covid-19 no Brasil¹. A partir desse momento, a mortalidade materna foi monitorada no Brasil, país com o maior número de mortes maternas devido à COVID-19. Entre mulheres grávidas e puérperas, o indicador divulgado em Junho de 2021 atingiu 7,2%, quase três vezes mais do que a taxa de mortalidade por COVID-19, de 2,8% na população em geral².

Com relação ao aleitamento materno, previamente, as descobertas científicas consolidadas sobre a amamentação e infecção pela COVID-19, os sistemas de saúde do mundo inteiro se posicionaram cautelosamente com relação à uma recomendação que apoiasse a amamentação. Estudo conduzido na China³, no começo da pandemia demonstrou que as mulheres foram impedidas de amamentarem seus filhos durante o período puerperal a fim de minimizar a transmissão.

No entanto, esse panorama foi se modificando na medida em que as pesquisas foram sendo publicadas mundialmente. Uma revisão sistemática com metanálise divulgada em 2021, revelou que a baixa prevalência do genoma do vírus SARS-CoV2 no leite e conseqüentemente, a baixa virulência, indica que a amamentação deve ser recomendada em mulheres SARS-CoV 2 positivas, após aconselhamento e mantendo-se a prevenção de infecção e das práticas seguras de higiene⁴.

A OMS refere que, pela prática baseada em evidências e a utilização de uma abordagem com decisão compartilhada entre profissionais de saúde e puérperas, a amamentação pode ser realizada, mantendo-se as precauções de contato, por exemplo, uso de máscara cirúrgica e higienização das mãos, entre outras medidas.⁵ Desse modo, as descobertas científicas apontaram para a manutenção da amamentação e as evidências apoiaram o contato pele a pele, não havendo motivos para interrompê-las⁶.

Contudo, verificaram-se desafios enfrentados pelas lactantes durante a pandemia, sobretudo, questões psicológicas referidas na gestação, parto, pós parto e amamentação. Vivenciar a pandemia da COVID-19 e gestar, relaciona-se a sentimentos de medo e incerteza. É nesse contexto que os profissionais, sobretudo de enfermagem, necessitam repensar sua atuação de modo a amenizar ou impedir os impactos da doença para a díade mãe-filho. Além disso, requer que sejam pensadas estratégias de cuidado que acolham e proporcionem bem-estar às mulheres durante toda essa etapa da vida⁷. Assim, torna-se importante que os

profissionais compreendam as percepções de mulheres lactantes durante o período gravídico-puerperal frente à pandemia pela COVID-19.

Ressalta-se que ainda existem lacunas do conhecimento, especialmente no que se refere ao conhecimento e publicação de dados relacionados. Elaborou-se a seguinte questão norteadora do estudo: quais as percepções de mulheres lactantes acerca do período gravídico-puerperal frente à pandemia da COVID-19?

Tem-se a escassez de estudos relacionados à temática no serviço em tela, especificamente acerca da questão norteadora e objetivos do estudo. Portanto, tornou-se relevante conduzir a investigação, tendo em vista os achados que poderão contribuir com a melhoria dos cuidados ofertados às lactantes pela equipe multidisciplinar que atende às mulheres nessa etapa da vida. Diante do exposto, o objetivo é conhecer as percepções de mulheres lactantes durante o período gravídico-puerperal frente à pandemia pelo COVID-19.

MÉTODO

Tratou-se de uma investigação qualitativa com análise de conteúdo de Bardin. Nesta investigação, destacam-se os aspectos subjetivos e os sujeitos sociais que revelam informações que permitem análise e interpretação acerca de suas visões e experiências dentro de suas realidades sociais⁷.

O presente estudo foi desenvolvido em uma unidade pública de Banco de Leite Humano (BLH) de um Hospital Universitário do Distrito Federal. Os aspectos éticos e as implicações legais foram respeitados conforme Resolução nº 466/2012 do Ministério da Saúde, que versa sobre ética em pesquisa envolvendo seres humanos, visando assegurar os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, pesquisador e Estado.

A população estudada foi de 21 lactantes que foram atendidas no BLH do referido hospital. A amostra foi obtida após saturação dos discursos obtidos por ocasião da obtenção dos dados.

Os critérios de inclusão consistiram em: lactantes atendidas no BLH maiores de 18 anos de idade no ano de 2021 que concordaram em participar da pesquisa. Os critérios de exclusão foram mulheres realizando tratamento para interromper a amamentação, mulheres com problemas mentais ou de saúde que as impossibilitaram de responderem as perguntas.

O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB (CEP/FS) da Universidade de Brasília (UnB) e aprovado com número do CAAE 47984721.7.0000.0030, parecer

consubstanciado de número 4.956.503. Todas as participantes aceitaram participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas, as pesquisadoras e as instituições envolvidas neste estudo se responsabilizaram por prestar assistência imediata e integral às participantes da pesquisa. Nenhum dano e/ou complicações decorrentes do estudo foram constatados.

Após aprovação do projeto de pesquisa, foi aplicado um roteiro semiestruturado com duas partes: referente à caracterização do perfil sócio-demográfico e obstétrico. A segunda parte consistiu em questões subjetivas não estruturadas envolvendo perguntas sobre a percepção da mulher lactante sobre o processo da amamentação, suas vivências, receios, dificuldades, desafios e sentimentos em meio à pandemia pelo Coronavírus.

Os resultados foram coletados por meio de entrevistas gravadas e transcritas em um único momento pelas pesquisadoras de campo e obtiveram duração de 30 a 50 minutos. Garantiu-se o anonimato das participantes, empregando-se a letra “L”, com numerações subsequentes em algarismos romanos.

Trataram-se os dados a partir da leitura e interpretação por meio da análise de conteúdo. As entrevistas foram transcritas na íntegra. Adotaram-se as seguintes etapas: decomposição do material a ser analisado em partes; distribuição das partes em categorias; descrição do resultado da categorização, expondo os achados encontrados na análise; realização de inferências dos resultados, lançando-se mão de premissas aceitas pelos pesquisadores e interpretação dos resultados obtidos com auxílio da fundamentação teórica adotada.⁸ Seguindo as recomendações para o rigor metodológico, optou-se pela utilização da lista de critérios consolidados para pesquisas qualitativas⁹. Para o tratamento dos achados referente ao perfil sóciodemográfico e obstétrico das mulheres lactantes foi empregada a estatística descritiva simples.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 21 lactantes que foram atendidas no Banco de Leite Humano. A média de idade das genitoras foi de 31 anos. Em relação ao estado civil, 71,4% (15) responderam que são casadas, 23,8% (5) solteiras e 4,8% (1) em união consensual. Sobre a escolaridade, 61,9% (13) delas possuía ensino superior completo, 19% (4) ensino médio completo, 14,3% (3) pós-graduação e ensino superior incompleto 4,8% (1). Sobre a ocupação

destas mulheres, 90,5% (19) responderam ter ocupação profissional e 9,5% (2), responderam estar sem ocupação no momento da pesquisa.

A média da idade gestacional (IG) foi de 39 semanas, sendo 95,2% (20) dos bebês, a termo e 4,8% (1) pré-termo. Sobre o tipo de parto, 42,9% (9) tiveram cesárea, 28,6% (6) tiveram parto normal, 23,8% (5) parto normal induzido e 4,8% (1) normal com uso de fórceps. Das comorbidades na gravidez, 38,1% (8) responderam que tiveram morbidades e complicações na saúde durante o período da gestação, sendo as mais prevalentes: Diabetes e Hipertensão Gestacional, Infecção Urinária, Covid-19 e Hematoma Retrocoriônico. 100% das entrevistadas apresentaram dificuldades na amamentação, sendo as mais prevalentes: dor, mastite, ingurgitamento, fissura, candidíase mamária, produção baixa de leite e pega inadequada, devido à especificidade da população que precisa de atendimento no Banco de Leite Humano.

Em relação à amamentação, mais especificamente sobre amamentação anterior, 81% (17) das entrevistadas responderam que nunca haviam amamentado antes e 19% (4) já o fizeram. Sendo, desses números, 5 das 17 pacientes, eram o primeiro parto, por isso nunca haviam amamentado e 12 já tiveram outra gestação mas não amamentaram. As que já haviam tido tal experiência, a duração da amamentação foi entre seis meses a 2 anos e 4 meses.

Referente aos dados qualitativos formaram-se duas categorias analíticas: Percepções de lactantes acerca de seus sentimentos, dificuldades e desafios relacionados à pandemia na gestação, parto e pós-parto e Acesso à informações sobre vacinação, amamentação e infecção pela COVID-19 na perspectiva das lactantes.

Percepções de lactantes acerca de seus sentimentos, dificuldades e desafios relacionados à pandemia na gestação, parto e pós-parto

Dentre os sentimentos, dificuldades e desafios na pandemia, identificaram-se: preocupação em contrair e transmitir a infecção para o bebê, o medo de morrer, angústia, ansiedade sobre o futuro, solidão ocasionada pelo isolamento social, relatos de restrição de visitas de familiares e de amigos limitando-se na maioria das vezes apenas à presença do cônjuge e mãe. Referiram à importância do banco de leite e o desejo pelas atividades presenciais. Todas tiveram acompanhante durante todo o processo do parto e pós-parto no hospital. Referiram terem vivenciado o contato pele a pele e a amamentação no momento logo após o parto.

L14 “(...) eu senti muita solidão, me senti muito sozinha não tinha como eu ter contato com outras pessoas, justamente por causa da gestação (...) não podia encontrar amigas, ficava muito o meu lado emocional e social ficava muito refém do meu parceiro, e dos meus filhos, né e eu acho que isso foi muito ruim pra mim. Talvez se eu tivesse tido minha rede de apoio presencial, eu pudesse ter passado por essa gestação de uma outra forma.(...)”

L16 “(...) Depois, que a minha filha nasceu em Maio de 2021, ainda não tava no pico da segunda onda, mas ‘tava’ subindo muito rápido e nós ficamos até uns 3 meses e meio, literalmente fechados, isolados, A gente, sem experiência nenhuma de como cuidar de um bebê, e assim, nesse momento eu senti muita falta de todo mundo. Foi muito difícil, até lembrar agora a voz embarga. É, foi bem difícil, mas a gente “deu conta”. (...) fez falta em vários momentos ter uma pessoa pra nos ajudar nos orientar, então isso daí, esse isolamento social foi muito difícil assim (...)”.

(L11) “(...) A gente tem que amamentar mas ao mesmo tempo a gente não quer passar nada pro nosso filho que a gente venha a ter então essa foi a maior dificuldade... ter que ir com o seu bebe para o hospital como eu fui, aí vai em um, um hospital era só COVID...O que passava mais na minha cabeça era mais só se eu fosse hospitalizada, como ficaria meu filho a amamentação dele...se eu tiver sintomas, será que eu vou passar pra ele, a gente pensa muito isso (...)”.

Com relação às dificuldades que as conduziram ao banco de leite, as mais prevalentes foram: ingurgitamento mamário, fissuras, rachaduras, e queixa de pouco leite. Seguem os relatos.

“(L14) (...) Eu fico muito feliz do banco de leite existir, sabe... eu fui desesperada pro banco de leite...meus seios estavam cheios de fissura e aí nada funcionava, nada nada que eu lia funcionava, nada que me falavam funcionava, então eu fui aí (...)”

“(L15)(...) Agora pós parto, o puerpério está sendo um pouco desafiador, em questão principalmente da amamentação. Infelizmente eu senti muita muita muita dificuldade em amamentar, desde o hospital, até a volta pra casa. Tanto que eu retornei ao banco de leite duas vezes. (...) meus peitos empedraram. (...)”

Acesso à informação sobre vacinação, amamentação e a infecção pela COVID-19 na perspectiva das lactantes.

Grande parte referiu ter acessado informações online por meio de mídias sociais como *Instagram*, grupos de *Whatsapp*, televisão ou com os próprios profissionais de saúde durante as consultas. Aparece nas falas delas também a sensação de alívio e maior segurança após a vacinação. O negacionismo científico e as informações falsas (*Fake News*) no meio virtual também foram mencionados como um aspecto negativo da pandemia.

(L14) “(...) Pesquisei informações mas não fui atrás de conhecimento científico. Pesquisei então notícias, algumas personalidades que falam sobre o COVID(...). Recentemente todos nós pegamos COVID e eu continuei amamentando normalmente. Também tomei a vacina durante a gestação, depois disso fiquei mais tranquila, tomei depois que ele nasceu também e isso me deu uma tranquilidade.”

(L8) “(...) Então, sobre a COVID eu pesquisei mais com o pessoal do posto, a enfermeira, a médica que ‘tava’ me atendendo. E sobre amamentação, eu sigo umas pediatras da amamentação no *Instagram* e elas, no post, as coisas que ‘postavam’ (nas redes sociais), me ajudava muito e foi isso que acabou me trazendo muito mais informação e foi acabando com minha dúvidas (...).”

(L4) “Eu acompanhei muito pelos jornais, né, na televisão o que os cientistas falavam. Primeiro que a transferência de anticorpos para o bebê com a vacina e depois, com o aleitamento. Isso, cientistas do mundo todo falando, né, então eu nem cogitei, né... sou “zero” negacionista, acredito na vacina, acredito no SUS. Essa de falar que essa vacina não foi testada (*Fake News*), “minha filha” na dúvida, eu prefiro tomar (...).”

(L7) “(...) Na verdade, lembro que houve alguns casos de grávidas que tomaram um tipo de vacina e perderam o bebê (...) (*Fake News*). Lembro que li isso sim (...).”

(L6) “(...) Consegui enfrentar com muita informação! Sempre li e pesquisei bastante sobre essa fase! Eu tive apoio de uma doula voluntária e de um grupo [de whatsapp] de gestantes, e nesse grupo tem uma mãe enfermeira que entende bastante sobre amamentação e ajuda também, com dicas e informação (...).”

DISCUSSÃO

Referente à caracterização dos perfis sócio-demográfico e obstétrico das participantes, estudo conduzido¹¹ demonstrou dados semelhantes a esta pesquisa onde 61% das puérperas eram casadas. Outra pesquisa encontrou semelhança nos resultados em relação à idade das genitoras, 72% das mulheres entrevistadas possuíam de 20 a 35 anos¹². Quanto ao tipo de parto, achados similares apontou a cesárea como tipo de parto mais prevalente, com 59% dos casos, o que pode relacionar-se diretamente às comorbidades e complicações na gestação que acometeram em 38,1% (8) das gestantes que participaram deste estudo. Igualmente, em relação à Idade Gestacional, os bebês nascidos a termo foram maioria, com 97,5% e os nascidos pré-termo 2,5%¹³. Assim como neste presente estudo, das dificuldades destacadas ao amamentar, dor, fissuras no mamilo e produção insuficiente de leite revelaram serem as mais prevalentes.¹¹

Relacionado à escolaridade das nutrizes, os resultados obtidos foram de Ensino Superior Completo para 61%, diferentemente, estudo indicou taxas mais elevadas para o Ensino Médio Completo. A alta taxa de Ensino Super Completo pode relacionar-se, por exemplo, ao horário de atendimento comercial do BLH, local onde foi conduzido o estudo. Também, à demanda do atendimento ser espontânea e ao hospital estar localizado em uma “área nobre” do Distrito Federal. Relacionado à situação ocupacional das puérperas, 74,4% se encontrava empregada, o que também pode estar associado às questões citadas acima.

Sobre a amamentação, os resultados também não foram similares. No presente estudo, 81% responderam que nunca amamentaram anteriormente, diferentemente de dois outros estudos que apontaram respectivamente taxas de 89,4% e 76,7% das puérperas que tiveram adesão à amamentação em gestação anterior.^{11,13}

A síntese dos resultados qualitativos demonstrou que as lactantes se depararam com inúmeras dificuldades e desafios durante a pandemia, ressaltando-se os transtornos mentais, os quais, episódios depressivos, ansiedade e solidão. Estes culminaram em dificuldades na amamentação, idas menos frequentes ao hospital com medo de contraírem e/ou transmitirem COVID-19, preocupações com a gestação, parto e pós-parto, uma rede de apoio incipiente representada na maioria das vezes apenas por familiares mais próximos com destaque para o cônjuge.

Consequentemente, elas se apoiaram nas informações extraídas pela internet, por meio dos profissionais de saúde e grupos de apoio online e mídia social, o que representou para elas a fonte de conhecimento principal, além de terem referido alívio pela descoberta da vacina e adesão majoritária delas à vacinação.

O turbilhão de emoções negativas causadas pela pandemia, somado ao estágio de vulnerabilidade fisiológica e psicológica que é a gestação, parto e puerpério, resultaram em um aumento significativo de transtornos psíquicos, especialmente na gravidez¹⁴. Tais transtornos, são fatores de risco à saúde materna e fetal e por isso, necessitam ser considerados na prática clínica para que seja possível uma detecção precoce e tratamento¹⁵. A incerteza sobre o futuro é tópico crucial a ser citado quando relacionamos gestação, pandemia e sintomas de ansiedade generalizada neste grupo¹⁶.

Em estudo transversal realizado na Irlanda, Noruega, Suíça e Reino Unido entre os meses de Junho e Julho de 2020, sobre saúde mental envolvendo gestantes e lactantes durante a pandemia da COVID-19, os achados evidenciaram que de sintomas depressivos maiores tiveram uma prevalência de 13% no grupo de mulheres gestantes e, 15% em lactantes. Sintomas de ansiedade generalizada caracterizados entre moderados a graves foram percebidos entre 11% das gestantes e 10% das lactantes que participaram da pesquisa¹⁵. Tais achados científicos assemelham-se aos encontrados neste estudo, sobretudo na primeira categoria analítica, onde prevaleceram sentimentos como: a tristeza, medo, preocupação e, principalmente a solidão, constatados na maioria dos relatos.

A maternidade em si já é uma vivência solitária, que vem de uma responsabilização exclusiva da mulher para com o bebê¹⁷. No contexto da pandemia, essa auto percepção materna tornou-se exacerbada, devido ao isolamento social ter sido a principal estratégia recomendada para toda população, não somente no Brasil, mas em nível mundial, com o objetivo de minimizar o contágio da COVID-19. Dessa forma, as gestantes, as quais se configuravam como “grupo de risco”, precisaram se resguardar e redobrar todos os cuidados já estabelecidos pelos órgãos de saúde, o que tornou o momento desafiador e difícil para muitas mulheres, assim como evidenciado neste estudo.

Ademais, achados, os quais, o medo de contrair a doença fora, mas principalmente dentro do ambiente hospitalar e infectar o recém-nascido, medo da morte ou de causar qualquer mal para o bebê, assemelharam-se aos resultados de um estudo turco, realizado em 2020 sobre ansiedade, depressão e preocupações de grávidas durante a pandemia do COVID-19 onde, a maior preocupação entre as gestantes era a hospitalização e de contrair a doença durante o parto e também, a de não conseguir consulta/acompanhamento adequado

com seus médicos relacionando-se à possibilidade de um colapso do sistema de saúde, alarmado pela mídia, devido à alta demanda que a pandemia causou no sistema de saúde como um todo¹⁶.

Com relação à segunda categoria analítica representada pelo acesso à informação. Similarmente aos resultados deste estudo, pesquisa realizada no Brasil envolvendo consultoras e lactantes durante a pandemia, revelou que a busca de informação pelas lactantes se deu, sobretudo por meio de mídias sociais, em virtude do distanciamento social adotado¹⁸. É importante destacar que a informação online e os grupos de apoio virtuais foram ferramentas extremamente importantes em meio ao isolamento social imposto e que a totalidade das participantes aderiu à amamentação e à vacinação, tendo algumas delas feito menção ao negacionismo científico e as *Fake News*.

A desinformação emergiu com força em meio à pandemia. Com isso, presenciou-se a criação de novas palavras que ajudaram a dimensionar o desafio em que a sociedade esteve envolvida. Foi possível identificar que junto aos sofrimentos resultantes da crise sanitária, tiveram questões que se impuseram no campo da comunicação por meio do aumento da circulação da desinformação, materializada nas chamadas *fake news*¹⁹.

A disseminação de informações em relação à vacinação associada à amamentação fez da gestação e do puerpério um momento de ainda mais incertezas. Pelos resultados dos discursos coletados, é possível perceber a importância das mídias sociais no papel de propagação de informação, a qual foi a opção de destaque das quais as mulheres entrevistadas neste estudo optaram por buscar além dos próprios profissionais de saúde durante suas consultas de rotina.

Ao passo que as redes sociais se tornaram ferramentas essenciais para distribuição de informação em massa principalmente no contexto da pandemia em escala global, através das redes e mídias sociais, surpreendentemente, verificou-se a disseminação intencional de desinformação (*fake news*) sobre a pandemia e, principalmente sobre a vacina e seus efeitos²⁰, o que se comprovou neste estudo em relato de algumas puérperas.

Contudo, para o grupo das nutrizes deste estudo, todas aderiram à vacinação. As evidências confirmam que a forma mais segura de se proteger é, de fato, a imunização²¹.

A grande questão da desinformação e/ou da informação falsa é o que ela resulta: medo, hesitação e como consequência menor adesão às medidas sanitárias, o que vai na direção contrária do que é o mais eficaz na proteção contra o vírus²⁰⁻²². Os profissionais de saúde, sem sombra de dúvida, possuem a responsabilidade ética de divulgação científica e têm o papel crucial no combate à desinformação. Dessa forma, os especialistas devem

apresentar todas as questões que envolvem a imunização, tanto seus benefícios como riscos, sempre à luz da ciência ²¹.

A contribuição deste estudo pauta-se no conhecimento adquirido por meio da perspectiva das lactantes ao terem vivenciado o período gravídico puerperal em meio a pandemia. Os resultados contribuem para o entendimento em profundidade dos sentimentos, desafios e dificuldades experimentados pelas mulheres. Estes suscitam reflexões acerca do acolhimento profissional e da necessidade de uma abordagem terapêutica ampliada, com foco para o aspecto de saúde mental que não pode ser menosprezada em detrimento unicamente da assistência obstétrica.

Ademais, este estudo evidencia a desinformação e o negacionismo científico como uma ameaça à saúde pública, tornando-se um desafio para profissionais, formuladores de políticas públicas, gestores, comunidade científica e sociedade civil, posto que as evidências apresentadas corroboram outros estudos e podem colaborar para elaboração e viabilização de políticas de combate à *Fake News*.

A limitação deste estudo contempla os aspectos próprios do método científico escolhido que possui amostra restrita, além de não permitir inferências, comparações e generalizações. Também, pelo fato de o estudo ter sido realizado apenas em um local, faz com que os resultados reflitam apenas a realidade específica do grupo que utiliza do serviço do BLH. No entanto, a investigação qualitativa realizada em profundidade agregou valor científico pelas descobertas e reiterou outros estudos semelhantes, o que, adicionalmente demonstra a relevância de seus achados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados apresentados considerou a perspectiva de mulheres que vivenciaram a pandemia pelo COVID-19 em seu período gravídico puerperal a partir do relato de seus sentimentos, desafios e dificuldades, e acesso à informação.

Os objetivos deste estudo foram alcançados, destacando-se os achados referentes às questões de transtornos mentais dessas mulheres provocados pelo isolamento social, além da responsabilidade da equipe de saúde e comunidade científica no combate à desinformação e/ou *Fake News*.

Recomenda-se que mais estudos sejam realizados, sobretudo, pesquisas com mais elevados níveis de evidência que possam reiterar os resultados encontrados e contribuir para maior resolutividade dos sistemas de saúde. Ressalta-se a importância dos bancos de leite

humano e seu papel para fomentar a amamentação e, por conseguinte contribuir para o fortalecimento da saúde pública.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Iniciação Científica (PROIC-UnB) pelo fomento de Iniciação Científica concedido por meio do edital ProIC/DPG/UnB - PIBIC/PIBIC-AF (CNPq) 2021/2022

REFERÊNCIAS

1. Silva FL, Russo J, Nucci M. Gravidez, parto e puerpério na pandemia: os múltiplos sentidos do risco. *Horiz antropol* [Internet]. 2021Jan;27(Horiz. antropol., 2021 27(59)). Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100013>
2. Boletim destaca marco de 500 mil mortes por Covid-19 no Brasil [Internet]. Agência Fiocruz de Notícias. 2021 [cited 2022 Nov 11]. Available from: <https://agencia.fiocruz.br/boletim-destaca-marco-de-500-mil-mortes-por-covid-19-no-brasil>
3. Zeng L, Xia S, Yuan W, Yan K, Xiao F, Shao J, et al. Neonatal Early-Onset Infection With SARS-CoV-2 in 33 Neonates Born to Mothers With COVID-19 in Wuhan, China. *JAMA Pediatrics* [Internet]. 2020 Mar 26; Available from: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2763787>
4. Zhu F, Zozaya C, Zhou Q, Castro CD, Shah PS. SARS-CoV-2 genome and antibodies in breastmilk: a systematic review and meta-analysis. *Archives of Disease in Childhood - Fetal and Neonatal Edition* [Internet]. 2021 Feb 10 [cited 2021 Apr 13]; Available from: <https://fn.bmj.com/content/early/2021/02/09/archdischild-2020-321074>
5. Breastfeeding and COVID-19 Scientific brief [Internet]. 2020. Available from: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332639/WHO-2019-nCoV-Sci_Brief-Breastfeeding-2020.1-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y

6. Unicef. Amamentar com segurança durante a pandemia de covid-19 [Internet]. www.unicef.org. Available from: <https://www.unicef.org/brazil/amamentar-com-seguranca-durante-pandemia-de-covid-19>
7. ESTRELA FM, SILVA KKAD, CRUZ MAD, GOMES NP. Gestantes no contexto da pandemia da Covid-19: reflexões e desafios. Physis: Revista de Saúde Coletiva [Internet]. 2020;30(2). Available from: https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2020/05/physis30_2_a15.pdf
8. Polit DF, Cheryl Tatano Beck, Hungler BP, Thorell A. Fundamentos de pesquisa em enfermagem métodos, avaliação e utilização. Porto Alegre Artmed; 2006.
9. Bardin, L. Análise de conteúdo. Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70; 2011.
10. Tong A, Sainsbury P, Craig J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. International Journal for Quality in Health Care [Internet]. 2007 Sep 16;19(6):349–57. Available from: <https://academic.oup.com/intqhc/article/19/6/349/1791966>
11. Santos RM de MS, Lima IA da S, Candido PGG, Bezerra JM, Pascoal LM, Santos Neto M, et al. Aleitamento materno e perfil sociodemográfico e obstétrico entre puérperas atendidas em maternidade pública de referência. Research, Society and Development [Internet]. 2022. Available from: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.25900>
12. Fonseca MR, Visnardi P, Traldi MC. Perfil sociodemográfico e acesso à assistência pré-natal das puérperas de um hospital público. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social [Internet]. 2019;7(1):6-15. Available from: DOI: 10.18554/refacs.v7i1.3535
13. Alves VG, Mota MC, Pagliari C. Sociodemographic characteristics related to knowing the benefits of breastfeeding. Revista Paulista de Pediatria. [Internet] 2021 Apr 2;39. Available from: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020101>

14. Lebel C, MacKinnon A, Bagshawe M, Tomfohr-Madsen L, Giesbrecht G. Elevated depression and anxiety symptoms among pregnant individuals during the COVID-19 pandemic. *Journal of affective disorders*. [Internet] 2020 Dec 1;277:5-13. Available from: doi: 10.1016/j.jad.2020.07.126
15. Ceulemans M, Foulon V, Ngo E, Panchaud A, Winterfeld U, Pomar L, Lambelet V, Cleary B, O'Shaughnessy F, Passier A, Richardson JL. Mental health status of pregnant and breastfeeding women during the COVID-19 pandemic—A multinational cross-sectional study. *Acta obstetrica et gynecologica Scandinavica*. [Internet] 2021 Jul;100(7):1219-29. Available from: DOI: [10.1111/aogs.14092](https://doi.org/10.1111/aogs.14092)
16. Akgor U, Fadiloglu E, Soyak B, Unal C, Cagan M, Temiz Bİ, Erzenoglu BE, Ak S, Gultekin M, Ozyuncu O. Anxiety, depression and concerns of pregnant women during the COVID-19 pandemic. *Archives of gynecology and obstetrics*. [Internet] 2021 Jul;304(1):125-30. Available from: doi: [10.1007/s00404-020-05944-1](https://doi.org/10.1007/s00404-020-05944-1)
17. Paixão GP do N, Campos LM, Carneiro JB, Fraga CD de S. Maternal solitude before the new guidelines in SARS-COV-2 times: a Brazilian cutting. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2021;42(Rev. Gaúcha Enferm., 2021 42(spe)). Available from: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200165>
18. Anna E, Carolina A, Chagas M, Lima C, Fayma A, Chaves L, et al. EXPERIENCE REPORT | RELATO DE EXPERIÊNCIA Breastfeeding consultancy during the COVID-19 pandemic: experience report Consultoria em amamentação durante a pandemia COVID-19: relato de experiência Asesoría en lactancia materna durante la pandemia de COVID-19: informe de experiencia. [cited 2021 Aug 9]; Available from: <https://www.scielo.br/j/ean/a/9b3D3KPPj93kmFTy7XvTnMH/?format=pdf&lang=en>
19. Cordeiro JDR, Fonseca AB, Lessa LR, Lima AGI, Nobile M. A Educação em Ciências e Saúde e o enfrentamento à desinfodemia: um relato de experiências críticas no ensino online . *Liinc Rev*. [Internet]. 21º de junho de 2021 [citado 1º de fevereiro de 2023];17(1):e5720. Available from: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5720>

20. Wilson SL, Wiysonge C. Social media and vaccine hesitancy. *BMJ global health*. [Internet] 2020 Oct 1;5(10):e004206. Available from: DOI: [10.1136/bmjgh-2020-004206](https://doi.org/10.1136/bmjgh-2020-004206)
21. Moodley J, Khaliq OP, Mkhize PZ. Misrepresentation about vaccines that are scaring women. *African Journal of Primary Health Care & Family Medicine*. [Internet] 2021;13(1):1-2. Available from: doi: 10.4102/phcfm.v13i1.2953.
22. Zhou L, Ampon-Wireko S, Xu X, Quansah PE, Larnyo E. Media attention and Vaccine Hesitancy: Examining the mediating effects of Fear of COVID-19 and the moderating role of Trust in leadership. *Plos one*. [Internet] 2022 Feb 18;17(2):e0263610. Available from: doi: 10.1371/journal.pone.0263610